

## **A REPRESENTAÇÃO PROSÓDICA DOS DITONGOS DECRESCENTES EM PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO**

*João Veloso*  
[jveloso@letras.up.pt](mailto:jveloso@letras.up.pt)

O estatuto silábico dos ditongos decrescentes do português europeu contemporâneo (PEC) é objecto de duas possibilidades de explicação distintas: (1) por um lado, descrições fonológicas da língua inspiradas na tradição estruturalista (Morais Barbosa 1965, 1994; Mattoso Câmara 1970, 1971, 1977; Barroso 1999), baseadas em critérios distribucionais, classificam a glide (G) que ocorre nos ditongos decrescentes como um elemento consonântico que ocupa uma posição extranuclear na sílaba ((V-Núcleo)(G-"Coda")); (2) por outro lado, interpretações de carácter generativista, como as de Mateus & D'Andrade (2000) e Mateus et al. (2003), aceitam os ditongos decrescentes como núcleos ramificados ((VG)-Núcleo).

Ambas as interpretações parecem reunir argumentos favoráveis e argumentos contrários. Por um lado, as glides dos ditongos decrescentes do PEC evidenciam o comportamento fonotáctico de qualquer consoante em coda silábica, nomeadamente saturando este constituinte prosódico e impedindo a ocorrência de qualquer material segmental à direita da vogal-núcleo (o que concorre em favor da interpretação de G como C-Coda). Por outro lado, porém, a sua manutenção em coda numa língua que ostenta, de um ponto de vista diacrónico, uma tendência sistemática para o esvaziamento total da coda silábica constitui uma dificuldade explicativa que não pode ser ignorada (e que a interpretação (VG)-Núcleo permite aparentemente resolver).

Nesta comunicação, pretendemos reexaminar os fundamentos teóricos de ambas as explicações e procurar reunir pistas e argumentos para um maior esclarecimento acerca deste problema da fonologia do português.

Como objectivos secundários desta pesquisa, pretendemos ainda: (i) examinar a questão do estatuto fonológico das glides no inventário segmental do português; (ii) analisar a possibilidade de

uma eventual comparação tipológica entre o português europeu e o português brasileiro quanto ao comportamento fonotático das glides e às restrições que se aplicam no preenchimento segmental da coda silábica.